

LUISA BUARQUE & MARCIA SÁ CAVALCANTE SCHUBACK

Desbolsonário de bolso



EDIÇÕES CLANDESTINA 2018 /VOL. I

NOTA DE ESCLARECIMENTO

Certo dia, em plena campanha presidencial de 2018, fomos tomadas de surpresa pela constatação de que já não compreendíamos parte do português do Brasil. A linguagem parecia ter entrado em pane. Era preciso, com urgência, encontrar um instrumento que nos auxiliasse no trabalho de comunicação com nossos conterrâneos. E também no trabalho de tradução de um glossário bem específico para aqueles que, como nós, sentiam-se perdidos diante de termos e significados forjados tão repentinamente em bocas, cabeças, mídias, redes e meios de comunicação contemporâneos.

Por tal motivo, decidimos fazer um dicionário de bolso. Ou melhor um “Desbolsonário de Bolso”. Leve-o no bolso ou na bolsa, consulte-o sempre que precisar. Afinal, é provável que precisemos dele com bastante frequência nos tempos que se anunciam. Oxalá ele possa contribuir para desfazer a confusão dos sentidos, e assim dar lugar em nossas vidas para mais clareza sobre o que está acontecendo. E quem sabe, finalmente, abrir espaço para caber também “um pequeno sol no bolso”, como diz o poeta Paulo Britto.

ÍNDICE

1. DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO

Bolsonaro

Jair

Messias

2. GLOSSÁRIO IDEOLÓGICO

Agrotóxico

Amazonas

Anticomunismo

Antipetismo

Antissistema

Arte

Assistência social

Bancada da igreja

Bolsonarização da ciência

Bolsonarização do espaço público

Brasil

Cidadão de bem

Comunista

Corrupção

Criacionismo

Cultura

Democracia bolsonarista

Denuncismo

Deus acima de todos

Direitos humanos de verdade

Doutrinação esquerdista

Empreendedorismo
Fato
História
Homossexualismo
Ideologia de gênero
Índio
Inocência da criança
Isso daí
Kit-gay
Lava-jato
Lei Rouanet
Marxismo cultural
Médico cubano
Militar
Moro
Mudanças climáticas
Mulher
Nordestino
Negro
Novo
Olavismo
Ordem e regresso
Passar a limpo o país
Paulo Freire
Piada
Plano de governo
Política
Política habitacional
Relações exteriores
Religião
Sem partido
Terraplanismo

Terrorismo
Twitter
Vai pra Cuba
Venezuela
Verdade
Whatsapp

3. APÊNDICE

DESBOLSONÁRIO DE BOLSO

INTRODUÇÃO

Quem lutou, continua a lutar e começou a lutar pela democracia teve muita dificuldade de dizer o nome Bolsonaro (temos que confessar a nossa resistência a escrever esse nome ainda agora). Essa dificuldade não se deve apenas à necessidade humana de esquecer, recalcar, escapar de uma grande ameaça. Deve-se também, e mesmo ainda mais, a uma reação frente ao dilúvio midiático da campanha e do pós-campanha. Nesse dilúvio, todo nome e palavra são usados a favor e contra si mesmo. Por isso, fica patente que dizer o nome Bolsonaro para criticá-lo já está sempre promovendo esse nome e contribuindo para a sua normalização.

Nesse quadro, perguntamo-nos: será ainda possível encontrar um modo de dizer o nome da coisa (e o nome do ‘coiso’) que não seja imediatamente manipulada e usada para dizer o contrário do que se quer dizer? Como evitar que a língua intrometa dentro de cada um o novo regime exterior e imposto de fora para dentro como se fosse uma escolha vinda de dentro? Como encontrar um modo de nomear que não contribua para a naturalização de um estado de coisas

não somente político, mas existencial, que violenta normas básicas de convivência e o cuidado com a natureza de tantas naturezas? Como desatar os nós de tantas falas tacanhas, como desmascarar as suas operações? Como fazer ruir um edifício linguístico? Talvez a partir de dentro? Talvez pela implosão? Talvez desentranhando dele alguma... sátira? Ainda que, como o nosso Brás Cubas, necessariamente misturada à tinta da melancolia. Experimentamos começar pela etimologia de seus nomes.

1

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO

Bolsonaro: 1. De “bolso” e de “bolsa”. Dinheiro no bolso, alta da bolsa. 2. O bolso e a bolsa acima de tudo, mas não qualquer bolsa. Não à bolsa de estudos. Sim ao ‘bolsa família’ - uma vez que ele rouba votos do opositor -, mas não sem misturar no ouvido ‘bolsa família’ com bolsos esvaziados pela corrupção. Inventar nomes de outras bolsas, como a “bolsa ditadura” (um modo grosseiro de desqualificar a indenização recebida por pessoas atingidas pelo governo militar que ele defende). 4. Nome derivado de um verbo do português arcaico, *bolsonar*, derivado do latim *bolsonegare*, com sentido ainda a ser definido no futuro próximo de: a) ou bem sonegar impostos e guardar no bolso – pois, afinal de contas, impostos são um assalto ao bolso do assim chamado ‘cidadão de bem’ (cf. verbete ‘*Cidadão de bem*’); b) ou bem negar ao bolso do cidadão qualquer retorno do estado aos impostos pagos. 5. Segundo teoria mais aceita, substantivo derivado do verbo “boçalizar”, sinônimo, portanto, de “boçal”. 6. Segundo uma certa corrente da linguística desestrutivista, tradução da seguinte gíria corrente do inglês americano: ‘Donald Trump’.

Jair: 1. De já-ir, pressa. O desejo de mudança rápida, de mudar tudo o mais rápido possível, de já ir logo para outra coisa. 2. Já faz muito tempo que o Brasil sobrevive de muitos mitos. O mito da não violência, o mito da

democracia racial, o mito da liberdade sensual, o mito da alegria, o mito do humor e o mito da jovialidade. A esses e outros tantos deve-se acrescentar o mito da rapidez, de rapidamente mudar, seguir, se adaptar, pela capacidade brasileira de esquecer. O país do futuro é um país de ruínas de projetos começados, abandonados, rechaçados. O desejo é de ir para a frente, é de já ir sempre adiante, e de ir a jato. Mas sempre já indo a jato, “lavando a jato” (cf. verbete ‘*Lava-jato*’), o país não consegue sair do lugar, pois sempre vai para o mesmo lugar: o lugar conservador de uma estrutura de injustiça social estrutural e estruturante.

Messias: 1. O desejo de já-ir, por sua vez, combina bastante bem com o *modus operandi* dessa pressa: já ir pelas mãos de um messias salvador, um mito encarnado, um milagre vivo. 2. Ir sem esforço, ir indo enquanto um outro traz a solução milagrosa. 3. Esse messias que já está levando para o “a partir de janeiro tudo vai mudar” se apresenta como bem mais eficaz do que o outro Messias. Encarnando o emplastro anti-corrupção, da varredura (para baixo do tapete?) de todos os males, esse messias promete mudar tudo a partir de janeiro, mas já começa antes mesmo de começar, ou seja, aqui e agora. Com isso, muda a própria promessa messiânica conhecida ao longo da história: tanto a do messianismo religioso como a do secular das utopias revolucionárias. A diferença é que, enquanto os messianismos trabalham sob a ótica da espera de um futuro distante, esse messias quer ir já, agora mesmo, sem espera e sem nenhum esforço. É um messianismo descartável, a jato, à mão. É também um messias sem nenhum princípio, pois promove tudo o que o Messias bíblico promete superar. É um messias que manda matar e torturar. Em lugar de pregar: “não matarás”, grita: “matarás sim”.

Jair Messias Bolsonaro - agora já designado e devidamente etimologizado -, tem também ideologia. Convém passar a ela.

2 GLOSSÁRIO IDEOLÓGICO

AGROTÓXICO. 1. Conjunto de drogas pesadas, comprovadamente maléficas à saúde, ilícitas na maior parte do globo e lícitas no Brasil, que o consumidor consome sem saber que está consumindo e que sequer causam os prazeres físicos e mentais que o consumo de drogas pode propiciar. 2. Forma de envenenamento particularmente usada e bem aceita no país. 3. Modo mais rápido e imperceptível de extermínio da população que não pode pagar por alimentos orgânicos. 4. Modo de intoxicação da população rural. 5. Instrumento de apoio à Bancada Ruralista. 6. Produto usado como incentivo ao *agro-business*, cuja tradução literal é: venda do território nacional a preço de banana venezuelana. Afinal, como diz o adágio televisivo, ‘agro é pop!’.

AMAZONAS. 1. Erro de tradução quando bolsonaristas começaram a aprender inglês com Lingokids para adultos e entenderam que Amazonas é a tradução para o português de Amazon, página na internet onde tudo é vendido, de roupas a aparelhos de televisão, de material para jardinagem a videogames. Bolsonaristas acrescentaram a porção do território nacional chamada Amazonas à lista dos produtos. 2. Confusão ontológica entre o que é nosso e o que é deles que leva a um novo mandamento: “dai a eles o que é nosso e a nós todos do planeta o osso duro de roer da sua ruína”. 3.

Falta de conhecimento de geografia - achar que Amazonas é zona agro-pecuniária -, completado por erro de etimologia pelo qual se deriva o termo pecuário - do latim *pecus*, que significa gado - de pecuniário, no sentido de dinheiro. 4. Estado do Brasil onde se situa a maior parte da floresta amazônica, que Bolsonaro não quer preservar, pois, em uma operação de inversão lógica grosseira, afirma que a preservação da Amazônia equivale à perda de autonomia do país (o que significa, naturalmente, entender autonomia como sinônimo de direito de venda e de exploração).

ANTICOMUNISMO. 1. Substantivo formado a partir do substantivo “comunismo” e do prefixo “*anti*”, ou seja: proibição, demonização, guerra, negação, extermínio. Na ideologia bolsonarista, toda a atenção está voltada para destruir a “ideologia comunista”, para a caça aos marxistas “pedófilos”, expressão que retoma, com cores sexuais, a velha imagem do comunista “comedor de criancinhas” (cf. verbete ‘*Comunista*’). O discurso contra o comunismo reativa os discursos da guerra fria, como se o comunismo fosse de fato uma realidade tanto real como possível. Os comunistas, os vermelhos, são apresentados como pervertores, corruptores, deturpadores de menores. E como a grande ameaça a rondar o futuro do Brasil, embora até agora não se entenda muito bem quais razões ou indícios concretos o levaram a uma tal conclusão.

ANTIPETISMO. 1. Transtorno obsessivo compulsivo (ver crônica de Antonio Prata) que causa surdez seletiva, memória seletiva e miopia crônica. 2. Aversão a qualquer política que venha do Partido dos Trabalhadores (PT, donde

se forma o substantivo masculino petismo, donde, anti-petismo). 3. Elitismo tradicional brasileiro. 4. Preocupação única com a chamada corrupção, isto é, unicamente com a corrupção de esquerda. 5. Posição contrária às decisões que beneficiam trabalhadores. 6. Anti-PT: Partido dos Trabalhadores, inimigo que precisa ser construído e eliminado para que o bolsonarismo possa se justificar como a força que reúne o “povo” e se apresenta como o salvador, o “protetor do povo” contra o “bandido e inimigo do povo”. A estratégia de construir um corpo, uma entidade para odiar de maneira a justificar a tomada de poder num regime totalitário é bem conhecida pela história. A novidade é o ódio a um “partido”. Por que odiar um partido? Será o ódio ao partido dos trabalhadores um ódio aos trabalhadores? O anti-petismo é, no fundo de sua superficialidade, um ódio a toda política que protege o trabalhador. É o ódio que exprime a vontade de continuar explorando o trabalhador mediante a ilusão de que, ao fazer do trabalhador o seu próprio gestor, ou seja, o seu próprio explorador, o trabalhador consegue emancipar-se do próprio trabalho. 7. Anti-petismo é uma estratégia de desatenção: chamando toda a atenção midiática para o ‘petismo’ e os ‘petralhas’, se deixa de prestar atenção ao fato de o bolsonarismo não possuir nenhum projeto de governo.

ANTISSISTEMA. 1. O bolsonarismo é a ideologia da confusão ideológica. Além de ser anti-PT, o bolsonarismo é antissistema. É antissistema para expandir ainda mais o sistema do capitalismo neoliberal. Quando se chama antissistema, está na verdade se afirmado contra o controle do sistema pelos orientais, no caso a China, e contra qualquer tentativa de frear a expansão do regime

neoliberal. Por isso, o discurso antissistema é um discurso pró-ocidente e pró-americano de um lado, e anti-petista (cf. verbete ‘*Antipetismo*’), anti-marxista, anti-comunista (cf. verbete ‘*Anticomunismo*’) de outro. É um discurso “civilizatório” para legitimar a subserviência total à política econômica trumpista contra o “Oriente” (em especial o Oriente possuidor de petróleo) e justificar a perseguição de toda crítica à expansão desenfreada do sistema. É um discurso “avante”-sistema fantasiado de “anti”-sistema, ou seja, que usa o tom inflamado da crítica - não raro usurpando e deturpando expressões de seus inimigos declarados - para eliminar toda possibilidade de crítica. 2. O discurso avante-sistema tem o tom agressivo de estratégias de conquista e “avanço” de tropas de um exército salvador. É o exército salvador do capitalismo empunhando a bandeira do Ocidente, a bandeira anti-oriental. Opera uma confusão ideológica ao defender o anti-globalismo como defesa da nação, porque a nação é definida por meio dos “valores” protegidos pelo trumpismo americano. O nacional do bolsonarismo é uma americanacionalização. Brasileiro deve ser entendido como americanacionalizado.

ARTE. 1. Como os bolsonaristas sofrem de uma doença conhecida como anagranismo, mal de trocar as sílabas e as bolas, a palavra arte costuma ser lida de trás para frente como tear, verbo que vem de teias, sinônimo de redes virtuais (bolsonarista não deita em rede pois, sendo coisa de nordestino (cf. verbete ‘*Nordestino*’), teme ser abraçado por algum vestígio de Lula). 2. Nome para qualquer expressão plástica, musical, linguística e teatral do assim chamado marxismo cultural (cf. verbete ‘*Marxismo cultural*’ e comunismo (cf. verbete ‘*Comunista*’). 3. Termo definido

como arte gráfica para fabricação de fotomontagens e design gráfico com alto grau de feiúra e mau-gosto. 4. Sinônimo de colocar a bandeira nacional em toda e qualquer superfície com fins decorativos e revesti-la com paetês e lantejoulas. Essa ação “artística” pode ser chamada de bandeirização nacionalizante do sensível.

ASSISTÊNCIA SOCIAL. 1. Erro de regência onde se confunde assistência com assistir ao empobrecimento exponencial da população brasileira, com base na implementação nacional de um programa de desproteção ao trabalhador. 2. Programa econômico formulado por Milton Friedman que propõe uma renda mínima para todas as famílias pobres brasileiras, chamado pelo economista pai do neoliberalismo de “imposto de renda negativo”. Traduzindo-se a expressão do economês para o português bolsonarista, assistência social significa obrigar o trabalhador desempregado a pagar o imposto de uma vida sem sustento e sem futuro. 3. Etimologia errônea, pois deriva o termo assistência da composição do prefixo “a” (alfa privativo no sentido de ‘sem’) + “sistência”, português errado usado por bolsonaristas no lugar de assistência, resultando no sentido final de: política do desamparo e da desassistência social.

BANCADA DA IGREJA 1. Igrejas costumam ter bancos para que seus fiéis possam se sentar e ouvir a pregação com certo conforto. Mas as Igrejas também têm bancos para guardar a contribuição monetária de seus fiéis seguidores. No Brasil, as Igrejas evangélicas têm ainda bancadas no Congresso, reconduzindo o país para o feudalismo: a Igreja

tendo parte atuante na política e os latifundiários na economia. O papel das igrejas pentecostais na política é confessado e sua participação nas eleições foi decisiva. As igrejas não só tomaram partido, como mostraram como são partidárias. Elas bancaram as eleições. A campanha pela escola sem partido (cf. verbete ‘*Sem partido*’) foi uma campanha da igreja com partido. O meio através do qual a igreja com partido ‘decidiu’ o resultado das eleições não deve ser negligenciado, pois foi o meio ele mesmo que decidiu a decisão. Nesse quadro, os celulares foram instrumentos de magia: mensagens vindas do além para cada um e não apenas para todos, como sempre havia sido nos cultos religiosos tradicionais. É como se a invisibilidade divina passasse a falar com cada um. A força de cada mensagem teve a força de uma palavra divina personalizada. E a grande mensagem divina é a mensagem da liberação do esforço de fazer e de ser - na verdade, do esforço de fazer o seu ser e de ser o seu fazer. Alguém fará e será por mim. E isso cada um teve a impressão de confirmar ao receber nas telinhas do celular pessoal, não mais a palavra, mas o zapp de deus.

BOLSONARIZAÇÃO DA CIÊNCIA. 1. Revelação da verdade científica como mentira do marxismo cultural (cf. verbete '*Marxismo cultural*'). 2. Negacionismo das teorias científicas sobre a origem da vida e dos processos da natureza que demonstram as consequências desastrosas da ação desumana do homem sobre a natureza e o meio-ambiente. 3. Substituição da ciência pela técnica. 4. Uso da técnica para extrapolar ainda mais os meios de exploração do homem e da natureza. 5. Substituição da ciência pela ficção científica, tendo como alguns de seus

principais títulos o “Criacionismo” (cf. verbete ‘*Criacionismo*’) e o “Terraplanismo” (cf. verbete ‘*Terraplanismo*’). Quanto a isso, cabe ressaltar que a defesa de que a Terra é plana tem razão: a Terra de bolsonaro é plana porque não tem profundidade, não tem terceira dimensão nem consistência. Seu mundo é plano porque chato, achatado e raso. 6. Escolha de um astronauta para Ministro da Ciência e da Tecnologia como símbolo da ficção científica que justifica a expansão de todas as técnicas de exploração econômica da vida humana, da natureza e do meio-ambiente para contribuir para o fim do planeta. 7. Astronáutica usada como embasamento científico para o leilão dos aeroportos brasileiros.

BOLSONARIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO. 1. Substituição do espaço público pelas redes sociais. 2. Substituição da conversa no botequim pelos zapps (cf. verbete ‘*Whatsapp*’) e twitters (cf. verbete ‘*Twitter*’) a jato. 3. Excesso de frases informativas para desinformar os fiéis das redes. Excesso de frases de efeito. 4. Substituição, mediante má tradução, do significado de ‘relação’ pelo de ‘link’, em sentido americano. Donde, espaço público vivido como links sem relação. 5. Enxurrada de fake-news e de news sobre fake-news, deixando a população de endereçados na “liberdade” de: a) não mais ligar para o que está sendo dito; b) escolher acreditar no que bem quiser; c) aderir à primeira mensagem que aparecer; d) ou optar por nenhuma das respostas acima. 6. Confundir livre escolha com enquete sobre escolhas dadas. 7. Misturar a esfera pública com “publicar” nas redes e assim confundir participação na coisa pública (é o que diz a palavra latina *República*) com ter que publicar qualquer coisa na rede: piadinha ou ameaça de

morte, bichinhos infantilizados ou imagens violentas, citações alteradas segundo os próprios interesses ou vídeos alterados para meter medo no vizinho. 8. Achar que ser editor de texto é mudar o texto como quiser. 9. Achar que espaço é coisa virtual e sideral e não tem nada a ver com os outros seres humanos e com o meio-ambiente. 10. Vender a ideia de que quem se preocupa com a causa social e os problemas da sociedade é um inimigo para ser linchado em público. 11. Entender espaço público como humilhação ou engrandecimento em público. 12. Compartilhar emojis quando se ouvem incitações ao extermínio e curtir cenas de violência explícita com mãozinhas que apontam o dedão para cima.

BRASIL. 1. Nome de um novo partido político encampado por bolsonaristas. 2. Nome próprio usado para denominar árvore de grande valor comercial, conhecida como pau-brasil, explorada até a sua exaustão no primeiro século da colonização e que se tornou o exemplo do tipo de exploração a ser implementada por tempo indeterminado no país homônimo Brasil: exploração até a exaustão, hoje principal divisa da ideologia bolsonarista. 3. Nome derivado da palavra de origem viking ‘brasa’, que entra nas línguas latinas através das invasões bárbaras. 4. Nome de um país onde, para dar seguimento à política da exploração até a exaustão, o museu da sua história pega fogo e bolsonaristas futuristas reúnem empresários do setor imobiliário para ocupar as áreas queimadas. 5. Nome de uma tinta vermelha que, não mais havendo árvore de onde extraí-la para exportá-la, passou a ser encontrada no sangue derramado da população habitante do país de mesmo nome. 6. Sinônimo de lava-jato (Cf. verbete '*Lava-jato*').

CIDADÃO DE BEM. 1. Todo brasileiro macho que ganhe acima de dez salários mínimos, desde que não seja homossexual - ao menos não abertamente -, nem muito negro, nem tenha sido pego pela operação 'lava-jato' (cf. verbete '*Lava-jato*'). A expressão, como está claro, pressupõe que qualquer pessoa que saia do padrão descrito acima seja um 'cidadão do mal'. Moradores de favelas estão, por definição, excluídos do grupo dos assim denominados. 2. Morador de bairros caros de todas as cidades grandes do Brasil, pagador dos IPTU's mais altos e, consequentemente, pessoa que se acha no direito de fazer qualquer coisa no e com o espaço coletivo, pois se vê como dona dele, e sempre capaz de expulsar qualquer um da sua área, bem como de exigir o que quiser do poder público. 3. Pessoa que confunde o público com o privado; pessoa que toma posse do 'nossa', porque o 'nossa' é seu, uma vez que foi devidamente comprado - e bem caro. 4. Segundo a linguista Helena Martins, acrescenta-se a esse sentido uma nuança, que se refere ao homem de 'não é bem assim'. Ao discutir com simpatizantes do bolsonarismo sobre o risco de eleger um candidato que defende torturas hediondas, a violência violadora de todos os direitos e, sobretudo, do direito de ser humano, muitos reagiram dizendo: "mas não é bem assim", "isso é só retórica para ganhar as eleições", "você vai ver que não é bem isso que ele quis dizer". Assim, surgiu um novo tipo do cidadão: o "cidadão de não é bem assim", que diz igualmente um "não é bem assim ser cidadão". E que, paradoxalmente, torce para que o seu candidato não faça o que prometeu.

COMUNISTA. 1. Bicho-papão, comedor de criancinhas (cf. verbete ‘*Anti-comunismo*’). 2. Comunista passa a ser, a partir de 2018 no Brasil, sinônimo de nazista – mesmo que essa operação linguística precise contrariar uma oposição histórica e negligenciar o fato de que comunistas eram explicitamente perseguidos e banidos pelo regime hitlerista. A operação é uma engenhoca simples: nazismo é a designação abreviada do partido nacional-socialista fundado em 1920 na Alemanha, partido reconhecidamente de extrema-direita. Quando expressões compostas são ditas e repetidas velozmente, é fácil que um termo escape e deixe de ser pronunciado. Assim, ouvindo-se ‘socialista’ e ‘nazismo’ soarem em uma mesma frase, juntam-se os dois termos numa afirmação do tipo: ‘socialismo, isto é, comunismo, é sinônimo de nazismo’.

CORRUPÇÃO. 1. No uso bolsonarista do substantivo, é o termo vulgar de uma bactéria implantada por petistas no corpo político-social brasileiro, que antes jamais havia conhecido tal doença. 2. Definição invertida de metonímia, que em vez de tomar a parte pelo todo, toma o todo pela parte, atribuindo somente ao PT a corrupção institucionalizada em todo o país, ao longo de toda a sua história.

CRIACIONISMO. 1. Doutrina ao contrário de uma doutrina científica. 2. Estabelecimento da “negação da negação” como princípio de uma afirmação onde se nega a negação científica básica de se tomar a narração bíblica como fato. 3. Confusão entre alegoria e fato, pela qual se elimina a necessidade, não de cientistas, mas de teólogos

competentes para a interpretação do livro sagrado. 4. Teoria de que o mundo foi criado do nada, “*ex nihilo*”, como se diz no latim, que os criacionistas acreditam ser uma língua ainda viva e falada em regiões que sofrem inundações fluviais. 5. Idéia de que os fósseis encontrados na terra, (ironicamente muitos dos fósseis mais antigos encontram-se em terras nordestinas (cf. verbete ‘*Nordestino*’) são provas do dilúvio narrado na Bíblia do qual Noé conseguiu sobreviver juntamente com as espécies que colocou em sua arca. Com base nessas provas cabais da ocorrência histórico-factual do dilúvio, criacionistas inventaram o conceito de “baramin” para designar as várias espécies oriundas da arca, que continuam a existir cada uma por si, sem traços comuns entre si, negando assim qualquer idéia de evolução das espécies. Trocando-se em miúdos, todos os animais encontrados na terra são os mesmos animais que, não obstante o enjôo sofrido na travessia pelo dilúvio, sobreviveram até hoje. Como o termo baramin só surgiu com os criacionistas e não existia no tempo de Noé - o que atrapalha a lógica criacionista - cabe uma explicação da criação (palavra que substitui “origem”) etimológica do termo. Atribui-se o termo “baramin” a alguém que, sem saber hebreu, tomou duas palavras hebraicas sem entender o que elas significam, achando que diz criação (*bara*) de espécie (*min*), quando diz na verdade espécie (bem estranha) de criação. Mas ao que tudo indica, o termo deve provir mais do sueco (que ademais foi quem trouxe para o Brasil um ramo importante da igreja pentecostal), com o significado de “*bara*”, que significa “só” e “*min*”, no sentido de “meu”, “para mim”, ou seja, uma teoria criada “só para mim”, quando esse mim se define como criacionista. Em suma: criacionismo é a doutrina que cria a espécie não evoluída chamada criacionista.

CULTURA. 1. Para bolsonaristas é uma palavra que rima com ditadura, linha dura, magistratura, tortura, secura, censura, chatura, fechadura e expressões afins. 2. Entendida segundo a linha de falta de pensamento característica do oportunismo americano, é traduzida como cultura de alimentos para exportação, como por exemplo plantação de soja. 3. Para bolsonaristas, cultura significa também cultura de bactéria e micrório petista 4. Tradução da expressão americana “*hate object*”, mais literalmente, objeto odiado por bolsonaristas. 5. Mistura de significados relativos à palavra “culto”, que, em língua portuguesa, significa tanto um substantivo, como em ‘culto religioso’, quanto um adjetivo, no sentido de alguém que estudou e adquiriu cultura através de anos de leitura, discussões e debates para o desenvolvimento das idéias e do espírito. 6. Termo usado como xingamento contra artistas, intelectuais, professores, jornalistas que defendem a liberdade de expressão e a criação de idéias, sem perder de vista a história de nossas estórias e as estórias que testemunham a história.

DEMOCRACIA BOLSONARISTA. 1. Erro de tradução: entende a palavra *demos*, que em grego significa “povo, como povo religiosizado e militarizado. 2. Sinônimo de demomiliteocracia: povo que segue as diretivas de militares fantasiados de mestres pastores. Qualquer outra noção de povo é considerada coisa do demo, do demo vermelho com garfo e tudo. 3. Versão demo, em inglês ‘*demo version*’, de um programa de povo, lançado no mercado para testar a sua popularidade.

DENUNCISMO. 1. Fenômeno de paranoia coletiva que acomete a maior parte dos bolsonaristas e que se manifesta por meio da delação de todas as pessoas que os incomodam, especialmente quando elas estão agindo contra a lei, mas também quando não estão. 2. Interpretação pessoal da lei. 3. Fenômeno que transforma cidadãos em vigias uns dos outros, pois cada qual se sente o baluarte da moralidade. 4. Conversão de seres humanos em câmeras de segurança. 4. Dedodurismo. 5. A partir da moda da “Delação Premiada” no Brasil, e por causa da insistente repetição da referida expressão em meios de comunicação de massa, passou-se a confundir “delação” com “loteria”.

DEUS ACIMA DE TODOS: **a) Deus:** 1. O nome da coisa que justifica tudo o que eu faço e digo. Aquilo em nome de que eu posso humilhar, discriminar, violentar. 2. “Deus” é mais do que um nome. É um nome usado para se falar em nome de. A colonização foi feita “em nome de Deus”, toda tortura é feita “em nome da verdade”, etc. Assim as grandes palavras da humanidade são nomes para se falar em nome deles. Com isso, isenta-se do esforço de buscar palavras e nomes, do esforço de pensar. **b) Acima de todos.** O Deus de Bolsonaro está acima de todos, mas acima de deus está Trump. Trump é a trombeta da versão bolsonarista do apocalipse, descrito nas propagandas e discursos bolsonaristas como cavaleiro do Ocidente, o grande salvador dos valores que unem um “nós” indefinido aos valores ocidentais. A mensagem é de que “só Deus pode nos salvar”, com a ressalva de que essa salvação terá que ser feita por uma nação: a nação americana. Deus é recolocado como o grande fiador, só que agora não mais da conquista racial do mundo, mas da venda com papel passado do

Brasil aos americanos e conglomerações internacionais. Nota-se, assim, que a expressão, repetida até a exaustão durante a campanha, - “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” - é, naturalmente, a versão tupiniquim de “America First”. Com a diferença de que, no nosso caso, a expressão em sua inteireza diria: ‘Brasil acima de tudo, Deus acima de todos, mas nada sem o consentimento dos EUA’.

DIREITOS HUMANOS DE VERDADE. 1. Direitos restritos aos assim chamados cidadãos de bem (Cf. ‘*Cidadão de bem*’). 2. Direitos para poucos, de preferência apenas para aqueles que podem pagar caro por bons advogados. 3. Mudar o ‘Estatuto da Criança e do Adolescente’ (ECA) para dar direito ao adolescente de ir para a prisão. 3. Direito do assim chamado ‘bandido’ a ser condenado à pena de morte. 4. Direito do policial de recorrer à violência e à tortura.

DOUTRINAÇÃO ESQUERDISTA. 1. Novo nome para o que antes era a “conscientização política”. 2. Palavra que entrou na moda por decreto quando ficou decidido que a ditadura militar que se instalou no Brasil em 1964 foi um ‘movimento’ e quando se decidiu também que os últimos trinta anos (data exata da redemocratização) foram um período de decadência moral e cívica. Daí a assumida necessidade de se reescrever a história. A estratégia de falsificação da história confunde-se com a necessidade de reescrever a história quando se leva em conta a história esquecida e reprimida das vítimas da história: quando se leva em conta a ausência da história dos negros, da mulher, dos homossexuais e de todos que sofreram segregação e injustiças ao longo dos séculos. A falsificação da história

(Cf. verbete ‘*História*’) usa - e abusa - dessa grande recontextualização dos contextos históricos que se deu nos últimos anos para falsear os fatos. Enquanto a reescrita da história se faz por uma ampliação dos horizontes e paradigmas históricos, por uma leitura crítica das narrativas dominantes, a bolsonarização da história, ao contrário, falsifica os fatos da história e boçaliza-bolsonariza a narrativa. Para isso, conta com a “liberdade” wikipédica em detrimento da análise enclopédica. Em lugar da historização da realidade, passa a ocorrer uma wikipedização da história, onde textos são alterados, acrescentados e retirados segundo interesses e agendas próprios. Wikistrada, wikilustrada, wikescrita, a informação atua para a finalidade última do fake-news e fake-facts: a desinformação contínua, informação desinformando. Se em regimes fascistas, totalitários e militares anteriores proibia-se o uso da palavra e a expressão do pensamento, agora libera-se toda informação de seu compromisso de informação de maneira que tudo pode ser dito sobre qualquer coisa. Assim é a informação que desinforma. 3. Expressão que caracteriza qualquer gênero e nível de realismo social como influência maléfica e coisa do diabo.

EMPREENDORISMO. 1. Substituição do verbo compreender por empreender. 2. Supressão do prefixo “com”, que significa estar junto, pelo prefixo “em” que significa a entrada do individualismo neoliberal em todos os aspectos da vida social. 3. Ampliação das relações de trabalho explorador para dentro de cada indivíduo. 4. Transformação de cada trabalhador em seu próprio gestor e empregador, ou seja, explorador. 5. Camuflagem das cifras de desemprego, quando todo desempregado é apresentado

como microempresário e autogestor. 5. Extinção de toda proteção ao trabalhador. 6. Desencargo social e produção de uma descarga social. 7. Esvaziamento do sentido de trabalho como laço social. 8. Remodernização do provérbio: cada um só por si mesmo e deus para que todos virem uma soma consumidora de si mesmos.

FATO. 1. Em contraste com a linguagem coloquial, a língua boçal do bolsonarismo define fato como um anglicismo derivado de fake. 2. Confusão de consoantes, onde a consoante velar “k” foi trocada pela oclusiva “t”. 3. Solução de uma longa controvérsia filosófica entre fato e ficção, pela qual o bolsonarismo ocupou todo fato com óbvia ficção. 4. Modo de convencer a população da necessidade de facção, entendida como notícia que mistura fato e ficção e faz da má ficção um fato a ser seguido como seita. 5. Método neofascista para negar o fascismo. 6. Distorção e abuso da ideia nietzscheana de que "não há fatos, só interpretações". Em uma operação de má compreensão e desentendimento do adágio filosófico, os bolsonaristas afirmam que não há fatos, mas são incapazes de forjar interpretações. Ou ainda: pensam que estão construindo interpretações que refutam as anteriores, mas não sabem recorrer à pesquisa, à reflexão, à fundamentação teórica ou ao argumento sólido, de modo que optam pela fotomontagem, pela omissão ou pelo falseamento explícito de dados, pelo corte e cola arbitrário, pela costura aleatória de elementos do passado escolhidos a dedo. 7. Fakização da existência.

HISTÓRIA. 1. Seleção enviesada de eventos do passado. 2. Leitura frouxa e pouco rigorosa de fatos (cf. verbete

‘Fato’) do passado, feita para corroborar a moral cristã. 3. Distorção e/ou omissão de eventos que marcaram a existência da humanidade.

HOMOSSEXUALISMO. 1. Doença crônica a ser erradicada do Brasil, segundo promessas da campanha bolsonarista. Como até hoje não há tratamento profilático para a referida mazela, as promessas de campanha envolvem investimentos massivos em pesquisas para a descoberta da vacina. Enquanto isso não ocorre, o único tratamento disponível, por ora, ainda é a chamada ‘cura gay’. 2. Doença cuja origem continua desconhecida. Uma vez que não se sabe como ela é contraída, cidadãos de bem (cf. ‘*Cidadão de bem*’) temem que seja contagiosa e que suas crianças (aparentemente, crianças são particularmente propensas à contração da doença, que se instala para sempre e pode não ter cura) sejam acometidas por esse mal. Por tal razão, a proposta de governo bolsonarista prega, ou bem o extermínio das pessoas portadoras da doença, ou ao menos a sua exclusão social, para evitar todo e qualquer contato com os ainda não contaminados. Na falta de campos de concentração exclusivos para tais doentes, sugere-se que eles permaneçam trancados dentro de seus armários. Segundo essa visão, há iminência de um verdadeiro contágio em massa, de modo que a doença tem sido vista como uma praga a ser erradicada, ou ao menos controlada. Por tal razão, todo “cidadão de bem” tem contribuído para a causa, espancando ou assassinando os portadores do mal.

IDEOLOGIA DE GÊNERO. 1. Expressão inexistente no léxico das Ciências Sociais e dos estudos de gênero. Locução genérica que designa qualquer coisa que aborde minimamente problemas ligados à discriminação de gênero ou questões ligadas à comunidade LGBT. 2. Fórmula criada por bolsonaristas que mostra o gênero de ideologia do bolsonarismo (cf. verbete ‘*Sem partido*’).

ÍNDIO. 1. Pessoa que, segundo Bolsonaro, “quer o que nós queremos”, leia-se: comprar e vender, ir ao shopping e dirigir carros, afinal isso é o máximo que um ser humano pode almejar. Mas que, no entanto, “ainda está em estágio inferior”, leia-se: nova edição da “bondade” catequizadora e evangelizadora, que leva generosamente a salvação aos índios - tão bonzinhos, mas tão atrasados! O corolário das duas premissas é claro: reservas indígenas não devem existir. A cultura, as línguas, as crenças e as tradições indígenas são um atraso. Índios podem até continuar vivos, desde que se vistam como brancos, morem em casas de brancos, produzam lixo como brancos, vivam como brancos e, como é natural, comemorem o natal.

INOCÊNCIA DA CRIANÇA. 1. Expressão reservada para designar um modo de educar e de formar crianças alienadas, pouco preparadas para a cidadania, preservadas de qualquer contato com a realidade do outro e com formas de vida diferentes da sua. 2. Preparação das elites, desde muito cedo, para a dominação convicta e para a manutenção dos privilégios e do fosso social brasileiro.

ISSO DAÍ. 1. Expressão que figura em 95% das falas de Bolsonaro. Sinônimo de ‘essa questão’. Substitui qualquer ideia que não se saiba desenvolver. 2. Resposta para qualquer pergunta. Modo de expressão vago ou genérico de quem não pensou muito no assunto.

KIT-GAY. 1. Expressão de difícil definição, que transita entre a lenda e o mito. Muitos afirmam tê-lo visto pessoalmente, outros afirmam possuir uma vizinha, amiga ou colega de trabalho que teve contato direto com a tralha. 2. Nome que batizou um livro infantil francês publicado no Brasil pela Companhia das Letras, disponível em qualquer livraria, mas jamais adotado como material escolar em escolas públicas, muito menos comprado pelo Ministério da Educação - apesar das alegações contrárias por parte do material de campanha falso bolsonarista. 3. Nome que expressa qualquer tipo de abordagem, em ambiente escolar, de questões ligadas à sexualidade em geral, à homossexualidade, à contracepção e à saúde sexual - desconsiderando o fato de que tais abordagens, quando são feitas, são indicadas para adolescentes e contribuem para a diminuição da discriminação. 4. Nome de uma mamadeira em formato de órgão sexual masculino, inventada por Bolsonaro em seus sonhos mais íntimos e trazida à realidade virtual por meio de fake whatsapps de campanha (cf. verbete ‘*WhatsApp*’).

LAVA-JATO. 1. Mobilização jurídica para lavar a jato - de uma hora para a outra e sem nenhuma mudança estrutural - a corrupção endêmica e profundamente enraizada no país. 2. Expressão que, seguindo os jatos d’água em lavadoras

automáticas, encena o espetáculo da justiça e da política, através do qual interesses políticos sobrepõem-se à necessidade gritante de um sistema judiciário que defenda a justiça. 3. Escolha dos casos a serem julgados de acordo com o ganho político por eles aportados. 4. Toga usada como saco para se colocar acusados bastante diferenciados no mesmo caso. 5. Aparato jurídico para conseguir colocar Lula a jato na cadeia de maneira que ele não pudesse concorrer nas eleições. 6. Legalização de um desvio de atenção pelo qual duas novas relações de causa e efeito foram estabelecidas: a) a corrupção endêmica no país só se manifesta em petistas; b) a corrupção relacionada com os escândalos da Petrobrás e do Mensalão são a única causa direta do desemprego e da crise econômica do país.

LEI ROUANET. 1. Nome de lei para incentivo à cultura usado por bolsonaristas para taxar o artista de “inimigo do povo”, fazendo uso do título de uma peça do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen, ainda inteiramente desconhecido do público bolsonarista. 2. Falta de entendimento do que seja uma lei. Lei não dá dinheiro; lei de incentivo à cultura isenta empresas de certos impostos para que estas repassem a verba para atividades culturais de qualidade, que estas, as empresas, escolhem como adequadas às suas estratégias comerciais. Como empresas aproveitam-se da lei para benefícios próprios, acabam preferindo a carta segura dos consagrados ao risco do desconhecido. Mas não é essa a crítica dos bolsonaristas à referida lei. Pois, como os bolsonaristas consideram que empresas e seus fins lucrativos são a única lei a ser incentivada no país, decidiram acusar de fraude a lei que defende a cultura e não o lucro imediato. 3. Experimento usado na campanha

eleitoral de virar a lei contra a lei, com vistas a aplicar essa “viração” legal ao maior número de leis possíveis durante os próximos anos.

MARXISMO CULTURAL. 1. Expressão para designar uma nova mistura de alhos com bugalhos. 2. Confusão mental pela qual se considera que a crítica às injustiças sociais e econômicas exacerbadas pela globalização é por definição marxista. Como o bolsonarismo se vê como grande crítico da globalização e inimigo do marxismo, o uso da expressão “marxismo cultural” mostra a ignorância da lei básica da lógica, que é a lei da não-contradição. É que, para ser coerente, o bolsonarismo deveria considerar a si mesmo um marxismo, por ser crítico à globalização, o que ademais talvez justifique o uso de barba à la Karl Marx pelo ministro bolsonarista das relações exteriores. 3. Xingamento usado por bolsonaristas para atacar toda crítica ao *establishment* que não seja feita para expandir as leis do *establishment*. 4. Expressão utilizada para rechaçar toda sorte de liberalismo, com exceção do liberalismo econômico, que é a única liberdade que os bolsonaristas aceitam. Trocando novamente em miúdos: bolsonaristas querem ser livres apenas para comprar tênis novos, para frequentar qualquer shopping que desejem, para explorar empregados o quanto quiserem (afinal, os empregados são “seus”). E quem não for livre - leia-se, rico - o suficiente, é porque não teve mérito ou talento, portanto, que se dane. Qualquer outra concepção de liberdade é, evidentemente, marxismo cultural.

MÉDICO CUBANO. 1. Segundo bolsonaristas, agente de Cuba infiltrado no Brasil para promover a revolução comunista, com o apoio da ... extinta URSS, que não cessa de retornar em forma de assombração. 2. Pessoa em quem não se deve confiar; portador de falso diploma de medicina ou pessoa mal formada em medicina (mesmo sendo Cuba um país de medicina avançada e com cursos universitários reconhecidos pelo próprio Brasil em acordos bilaterais). 3. Nome da paranoia que tira o sono dos bolsonaristas.

MILITAR. 1. Substituição à força do militante político - que é então perseguido, preso e, se for militante demais ou de menos, torturado. 2. Segundo bolsonaristas, o único exemplo da raça democrática, já que afrodescendentes, indígenas, homens e mulheres, pobres e ricos podem ingressar na carreira militar e, unicamente pelo mérito de se deixarem bem disciplinar, podem escalar os degraus da hierarquia (cujo significado básico é diferença de nível, o que contradiz o sentido de democracia, que é de igualdade) 3. Epíteto tomado como certificado de garantia de disciplina e hierarquia em qualquer atividade, mas sobretudo naquela cuja meta é desativar qualquer participação da população nas decisões políticas. 4. Adjetivo usado para caracterizar a ditadura que governou o país entre 1964 e 1985 (a data de sua finalização é controversa) como um “movimento” que salvou o país do demônio comunista. 5. Promessa de faxina disciplinadamente profissional de todos os problemas do país, a começar por aquele da memória das perseguições, torturas e supressão da liberdade durante os anos da ditadura. 6. Tapete de chumbo (por oposição à cortina de ferro) bem pregado no chão da história brasileira, debaixo do qual estão escondidos

incontáveis escândalos de corrupção perpetrados pela ditadura, ligados dentre outros à construção da Ponte Rio-Niterói e da Transamazônica e de repasse de verbas governamentais para grandes construtoras (ex. Andrade-Gutierrez) e para a rede Globo, tudo à base de gigantescas propinas. 7. Nome de droga violenta que provoca amnésia e uma nova doença em fase de descoberta, cujo sintoma é a imunidade à memória. Um dos nomes sugeridos para a nova doença é “andreázica”, termo cunhado em homenagem ao militar Mário Andreazza, ministro dos transportes durante o governo Costa e Silva (implementador do AI-5).

MORO. 1. Termo polissêmico. a) étimo do verbo desmoronar, usado para despejar a justiça do sistema judiciário brasileiro; b) nome próprio empregado para enjaular Lula, que, segundo bolsonaristas appi-vistas e muitos dos adeptos do voto nulo, é o homem mais perigoso do Brasil e que sozinho teria sido capaz de corromper todo o país, inclusive os bolsonaristas e os anuladores de voto.

MUDANÇAS CLIMÁTICAS. 1. A partir de 2018 no Brasil, seguindo nisso de perto o movimento estadunidense de Donald Trump de alguns anos antes: dogma pseudo-científico esquerdista, inventado pelos operadores da globalização, do globalismo marxista e do “marxismo cultural” (Cf. verbete ‘*Marxismo cultural*’). 2. A partir da mesma data, fenômeno considerado como inexistente. Tal convicção equivale a uma espécie de estratégia suicida, a saber, fazer ouvidos moucos para todos os alertas científicos a respeito da ameaça que o aquecimento global representa

para a vida no planeta (incluindo, naturalmente, a espécie humana), em prol de um micro-enriquecimento imediatista de uns poucos brasileiros já ricos e de umas poucas mega-empresas internacionais. Trocando mais uma vez em miúdos: visão de curto alcance e a curto prazo, que se baseia no negacionismo das teorias científicas sobre a origem da vida e os estudos cientificamente mais embasados e reputados a respeito da crise climática que hoje abate o planeta.

MULHER. 1. Apelido de fraca, fraquejada, naturalmente fadada ao fracasso e a salários bem mais baixos do que os mínimos salários que costumam ser pagos por empregadores - com exceção de algumas poucas, pois, afinal, como diz Bolsonaro demonstrando espanto e surpresa: "tem mulher competente por aí". 2. Único verbete do dicionário de língua portuguesa consultado pelos bolsonaristas, que inclui como principais acepções: mulher à toa, mulher da rua, mulher da vida, mulher da zona, mulher perdida, mulher vadia, mulher errada, mulher do fandango, mulher de má nota (cf. *Dicionário da língua portuguesa, verbete "mulher"*).

NORDESTINO. 1. Adjetivo que caracteriza pessoa oriunda do Nordeste, uma região brasileira que Bolsonaro não sabe muito bem onde fica, que desconfia pertencer à China, mas que, em todo caso, preferiria que não pertencesse ao Brasil. 2. Segundo a ideologia bolsonarista, pessoa incapaz, inferior, sem mérito e, pior, aparentada ao ex-presidente Lula. 3. Responsável por e representante do assim chamado "atraso do país".

NEGRO. 1. Homem que está sempre ao lado de Bolsonaro em toda e qualquer situação filmada e transmitida pelos meios de comunicação, para comprovar que ele não é racista, pois “até tem um amigo afrodescendente”. 3. No feminino, isto é, “negra”, significa, segundo o léxico bolsonarista, mulher promíscua.

NOVO. 1. Novo nome para ‘velho’. 2. Reedição de medidas antigas e mal-sucedidas. 3. Regresso da ditadura, da censura, da tortura. 4. Conservadorismo. Afinal, em um mundo que começa a caminhar para alguns pequenos consensos democráticos, o “diferente” ameaça o “mesmo, de sempre”, e o “mesmo, de sempre”, vendo-se ameaçado - ainda que muito pouco - , traveste-se de “novo” para dar uma rasteira no “diferente” e enterrá-lo de uma vez por todas. 4. De volta para o passado mesmo, só que amanhã, ou se possível ainda hoje.

OLAVISMO. 1. Estilo de pensamento filosófico muito peculiar, que substitui o argumento pelo xingamento e o conceito pelo palavrão. 2. Fruto da expansão dos meios tecnológicos de informação, que, utilizando selfies e vídeos auto-produzidos, deixam aparecer na rede pessoas como se fossem “professores” e “intelectuais”, posando nas telas ao terem no fundo estantes decoradas com livros mal lidos e mal compreendidos. 3. Nome de uma corrente de fake-pensamento. 4. Expressão oriunda da composição de ‘Olá’ e ‘revanchismo’, combinando alguém que chega de repente para dar a ideia aos governantes sem ideias de en-direitar o país com rifles e rifas e quem se sentiu a vida

toda complexado por nunca ter conseguido entender o que é uma ideia e muito menos uma filosofia. 5. Nome da corrente ideológica que seduz, encanta e lidera o bando de ressentidos do país. 6. Uma forma bem específica de saudosismo: saudades da era medieval, saudades da teocracia, saudades de D. Pedro, saudades dos bons costumes. 7. Modo verborrágico de expressar opiniões que procuram, em tese, chocar o senso comum, mas que nada mais fazem além de corroborar o pior dos sensos (o qual, infelizmente, muitas vezes é comum e quase sempre predominou ao longo da história). 8. Movimento de desespero final de quem quer encontrar uma identidade para chamar de sua e um líder para chamar de seu. 9. Espécie de fanatismo religioso que cultua o ódio e a intolerância travestidos de intelectualismo. 10. Seita seguida por pessoas particularmente vulneráveis a uma retórica violenta e macabra, mas perigosamente sedutora. 11. Doutrina do ter-razão-em-tudo quando não se tem razão em nada. Atribuindo a base dessa doutrina do ter-razão-em-tudo ao filósofo alemão Arthur Schopenhauer, é fácil constatar como olavistas não possuem o menor conhecimento nem de alemão e nem de filosofia, tendo (mal) entendido o próprio nome de Schopenhauer como “chope raro”, que, bebido, gera mal-entendidos dos princípios básicos da erística e da dialética. Com bases em erros fundamentais, o olavismo derivado desse “chope raro” (confundido com Schopenhauer) desenvolveu uma *errística disléctica*, que se vale de argumentos nefastos (do latim *nefas* que significa ilícito) para destruir as questões mais lícitas do pensamento, da sociedade e da cultura. 11. Tradução google para o português bolsonarista da tradução google para o inglês trumpista da tradução google russa do resumo dos

clássicos da extrema direita européia, assinada por Dugin, ideólogo de Putin.

ORDEM E REGRESSO. 1. Proposta de renovação do lema da bandeira nacional seguindo o desenvolvimento do positivismo para o neopositivismo, de maneira a manter a coerência da mudança do fascismo para o neofascismo.

PASSAR A LIMPO O PAÍS. 1. Ideia de que a história de uma sociedade, não podendo ser apagada, pode ser rabiscada e então passada a limpo. 2. Visão escolar de que a história pode sofrer uma faxina e todos os episódios sujos da história brasileira - como escravidão, genocídio dos povos indígenas, exploração do trabalhador, discriminação racial, maltrato das mulheres, penalismo contra as crianças, desrespeito a todos os direitos humanos e à vida -, podem ser varridos e apagados. 3. Uso e abuso das metáforas da vassoura e da limpeza em geral. 4. Esquecimento de que o esquecimento da história gera monstros para a história futura.

PAULO FREIRE. 1. Versão brasileira do marxismo cultural (Cf. verbete ‘*Marxismo cultural*’) e do teórico italiano Gramsci (que todo bolsonarista cita como sendo um dos grandes responsáveis pela doutrinação esquerdista - Cf. verbete ‘*Doutrinação esquerdista*’ -, mas que nenhum deles sabe bem quem é). 2. Expressão que significa “o diabo é brasileiro”. 3. Nome próprio que designa o grande perigo que a educação das massas representa para o bolsonarismo. 4. Nome e sobrenome a serem banidos da língua portuguesa

(apesar de designarem o autor brasileiro mais conhecido, traduzido, lido e vendido fora do país) e a serem proibidos em escolas e universidades do Brasil a partir de janeiro de 2018.

PIADA. 1. Substantivo feminino que passa a designar, no léxico bolsonarista, qualquer discurso explicitamente preconceituoso.

PLANO DE GOVERNO. 1. Expressão inexistente em bolsonarês.

POLÍTICA. 1. Confusão baseada numa questão de gênero quando se toma o político como a essência da política e a política como a politicagem dos políticos. 2. Substantivo de onde se deriva o verbo politizar, entendido como conseguir colocar todas as pessoas assistindo à televisão do senado como outrora se assistiam a partidas de futebol. 3. Palavra cuja origem foi atribuída nas aulas de português bolsonaristas à “policia”, de onde se desenvolveu o programa de policização da política com vistas a fornecer uma orientação ideológica mais segura à politização da polícia. 4. Maneira de usar o discurso dito político para despolitizar a população, ou seja, para convencer a população de entregar a um líder toda iniciativa de ação na esfera pública para que este a entregue, por sua vez, ao empreendedorismo (cf. verbete ‘*Empreendedorismo*’) privado.

POLÍTICA HABITACIONAL. 1. Termo usado no caso gramaticalmente conhecido em outras línguas como genitivo subjetivo, onde se entende o primeiro termo pelo segundo, ou seja, habitantes na política. 2. Confundindo política com ibope de propaganda ao consumidor, bolsonaristas entendem que adeptos de Bolsonaro poderão enfim habitar nas instituições políticas do país.

RELAÇÕES EXTERIORES. 1. Deus acima de tudo e Trump acima de todos. 2. Cruzada contra a Europa para a conquista do Ocidente. 3. Retorno dos “cavaleiros templários”.

RELIGIÃO. 1. Termo derivado do latim *relego* no sentido de religar e de *relego*, no sentido de reler. Como a palavra latina não especifica o que está ligado, a história das religiões pode ser considerada uma história das especulações acerca do que está ligado com o quê. No Brasil, parte do movimento pentecostalista, de inspiração sueco-americana, definiu que religião é a ligação de cada indivíduo com o espírito santo da ordem econômica do regresso espiritual (cf. verbete ‘*Ordem e regresso*’). 2. Maneira de instaurar o estado neoteocrático. 3. Meio para fazer campanha política de mãos dadas a celulares 4. Prática submetida a exercícios de negacionismo onde se negam mandamentos básicos da religião cristã: pois, em lugar de se ler “não matarás”, lê-se “não não matarás”, ou seja, “sim, matarás, torturarás, perseguirás”. 5. Modo de perverter o sentido de religião através da partidarização da religião. 6. Metonímia pela qual se toma uma religião como sendo todas as religiões, sendo então usado para desrespeitar

outras religiões que não a sua própria. 7. Crença de que se pode, em nome da religião, invadir, vandalizar e desrespeitar terreiros de candomblé e outras formas de culto ao sagrado pertencentes à tradição africana.

SEM PARTIDO. 1. Expressão empregada para designar tudo o que é pela ideologia neoliberal. Sem partido é o partido da tecnocracia. Sem partido é o partido da meritocracia. Restando explicar porque é que só têm mérito as pessoas brancas, de preferência os homens. Mas dar essa explicação é “doutrinação esquerdista” (cf. verbete ‘*Doutrinação esquerdista*’). Em suma: nas escolas sem partido, as escolas ficam com a gramática e os números e os pastores ficam com a moral única, chegando assim ao fim a “concorrência” pelas consciências. 2. Locução adjetiva que caracteriza as escolas do futuro, que passarão a entender cidadania como “patriotismo”. 3. Locução adjetiva para designar uma nova arquitetura interior das salas de aula à distância: um telão sempre online com pastores ou militares lendo cartilha para carteiras vazias. 4. A imposição de escolas e universidades sem partido quer se justificar em defesa da democracia. Acusa a universidade de só ter idéias de esquerda - sendo por isso antidemocrática, por não admitir o seu contrário. Entretanto, essa alegação negligencia o fato de que a universidade é um local plural, isto é, tanto de formações e teorias plurais quanto voltada para a defesa da pluralidade de pensamento e formas de vida. Assim, chamar a “defesa da pluralidade” de “pensamento único” equivale a uma manobra ilógica, tal como dizer: “parem de falar unicamente de pluralidade, mudem de assunto!”. A noção de democracia embutida nessa manobra, portanto, clama pelo estabelecimento de

uma alternativa à pluralidade, ou seja: clama justamente pela “unidade do pensamento”. Não à toa, a palavra “unificação” tem sido pronunciada com tanto fervor, como quem diz “salvação”. Nesse sentido, para implementar a “democracia” bolsonarista (cf. verbete ‘*Democracia bolsonarista*’), a proposta é de só permitir o ensino pautado por valores militares e conservadores, declarando uma guerra particular contra a “ideologia de gênero” (cf. verbete ‘*Ideologia de gênero*’). Escola sem partido é escola sem “gênero”, o que significa, escolas dirigidas por “machos” que têm coragem de “limpar” qualquer resquício de gênero, palavra que na língua bolsonarista significa “indução erótica”. De acordo com a ideologia da escola sem partido, varrer a “ideologia de gênero” das escolas é varrer o princípio da diferença crítica e da crítica das diferenças sociais, impondo uma uniformização dos hábitos de “pensar” e de “agir”, a começar pelo uso de uniformes. 5. Escola sem partido é uma expressão que designa: a) a censura nas escolas, b) o controle do material pedagógico por pessoas cujas “reflexões” estão longe das preocupações genuinamente pedagógicas; c) o fim da liberdade de cátedra. Seus partidários estimulam a intimidação e a perseguição de professores por meio de filmagens com celulares e denúncias jurídicas pautadas na convicção errônea de que a abordagem de certos assuntos filosóficos e sociológicos é proibida no Brasil, bem como na crença ilusória de que “marxismo” é algo análogo ao consumo de drogas ilícitas, ou seja, uma prática proibida por lei. 6. Uma outra bandeira da escola sem partido é a defesa do ensino técnico, entendido como isento de ideologia e promotor do desenvolvimento. Nesse sentido, aprender reduz-se a aprender uma profissão ou a absorver supostos conteúdos neutros - como se não fosse verdade que até mesmo um simples nome próprio em

um problema de matemática está longe de ser “neutro”. Para implementar a ideologia da escola sem ideologia, escolheu-se como ministro da educação um militar que institui como necessário “lembra e comemorar” o golpe militar de 64, data que “está incorporada à nossa memória como Nação”. Sem partido significa, portanto, celebrar a ditadura militar. Por tal razão, a ideologia do sem ideologia do neoliberalismo bolsonarista visa dissolver toda comissão da verdade sobre a ditadura, de maneira a omitir a verdade sinistra da ditadura militar: tortura, censura, perseguição dos movimentos sociais e de qualquer forma de expressão artística e cultural. Visa omitir igualmente a destruição do ensino público pelo repasse de verbas do ministério público durante a ditadura para financiar a rede Globo e seu programa de telecursos. 7. Forma de colocar a população rural sem estudo, a fim de mantê-la no partido bolsonarista.

TERRAPLANISMO. 1. Doutrina que afirma em todo o globo (que, por definição, é uma esfera) que a terra é plana (o contrário de esférica). 2. Teoria de que a ideia de terra redonda é uma ilusão de ótica porque, segundo terraplanistas, o que vemos é uma cúpula invisível que recobre a planície chamada terra. 3. Visão acientífica de mundo, desenvolvida numa copa de cozinha do interior ao olhar para o “abafador”, nome técnico da cúpula que recobre o bolo a fim de protegê-lo das moscas. A inspiração do “abafador” deve ter servido igualmente para o negacionismo da crise climática como fake-news disseminada por petistas e marxistas. 4. Substantivo formado do verbo terraplanar, que significa aplinar a terra depois de seu completo desmatamento. 5. Proposta de uma nova regra para campeonato de surf, onde o campeão é

aquele que cai primeiro no precipício onde a terra acaba e começa o mundo dos sem-terra.

TERRORISMO. 1. Nome que substitui, no léxico bolsonarista, a antiga expressão “movimento social”. Pelas medidas já adiantadas de mudar a embaixada brasileira para Jerusalém e colaborar com o Mossad de Israel, pode-se ver facilmente a estratégia bolsonarista: fomentar ataques terroristas no país que justifiquem medidas de emergência, e nessa se possam “varrer” os movimentos sociais e todo fórum de pensamento crítico. Tudo devidamente regulamentado, seguindo leis propostas com objetivos inteiramente diversos pelo governo “petista”, ou rearranjando-as e adaptando-as. Essa é uma dentre as várias estratégias para se des-moro-nar (Cf. verbete '*Moro*') a força criadora e de resistência dos movimentos sociais. Não é de surpreender que Moro seja, pelo nome e pelos feitos, o novo ministro da justiça.

TWITTER. 1. Piador; de tweet, piado, ato ou efeito de piar. 2. Diz-se daquele que quer passar a impressão de dar meros piados e/ou fazer meras piadas. 3. Modo de comunicação preferido de governantes ou aspirantes ao governo que querem se fazer passar por frágeis passarinhos pianos ou por políticos antissistema (cf. verbete '*Antissistema*'), com frequência mesmo políticos-antipolítica. 4. Meio de expressão de quem quer parecer solitário e pouco apoiado. 5. Novo modo de governar lançado por Trump, que, notadamente, fragiliza os modos institucionais de se fazer política e de se comunicar, apostando no desvio da informação e na descredibilização das investigações

embasadas. Com o twitter, o governante cria uma espécie de vínculo direto com o governado. Vínculo que, evidentemente, prescinde de qualquer contato, mas que cria uma ilusão de intimidade e de honestidade a se encaixar perfeitamente na desconfiança generalizada com respeito a qualquer discurso midiático ou de autoridade. Na falta de critérios para o cidadão exercer seu espírito crítico, ele passa a desconfiar de tudo, a ver fantasmas e a crer apenas naquilo que tem aparência de inspirar confiança. O twitter aproveita-se desse vácuo de credibilidade e se instala em um suposto local de confiança, onde o interlocutor se sente confortável e reconfortado, onde ouve alguém lhe sussurrar ao ouvido e falar a sua linguagem como faria um seu tio ou avô fictício e inexistente: de modo direto, simplório mas travestido de simples, sem rodeios e sem as ditas “preocupações desviantes ou desviadas”.

VAI PARA CUBA. 1. Novo xingamento bolsonarista, que substituiu os arcaicos “vai tomar no cu” e “vai pra China ou pra Conchinchina” e que se coaduna perfeitamente bem com o inexplicável renascimento do ‘anticomunismo’ (cf. verbete ‘*Anticomunismo*’).

VENEZUELA. 1. Sinônimo de inferno, mesmo - e talvez principalmente - para quem não conhece sequer uma linha da história do país homônimo. 2. Nome da ameaça mais frequente durante as campanhas presidenciais, sendo usada como sinônimo de medo - um medo vago e pouco explicado, mas capaz de mobilizar os instintos mais cruéis e egoístas dos brasileiros. 3. Palavra com a qual foram manipuladas as consciências daqueles que esqueceram que o

Brasil não se tornou parecido com o seu vizinho durante os 13 anos de governos do PT.

VERDADE. 1. Dizer tudo que ninguém tem coragem de dizer: de mentiras cavaleiros a violentas ameaças. 2. Maneira de deturpar de tal modo a mentira que ela passa a aparecer como verdade. 3. Total falta de correspondência entre imagem mental e fato real. 4. Invenção de tudo que venha justificar uma posição politicamente anti-democrática.

WHATSAPP. 1. Mais conhecido como zapp, meio de desinformação mais popular, usado para enviar informações que desinformam com velocidade vapt vupt. 2. Por má-aliteração, acredita-se que vapt vupt é o mesmo que zappt zuppt. 3. Corruptela neoliberal, ou seja, corrupção linguística da expressão “what is up?”, que comumente significa “como vão as coisas?”, agora entendida como aplicativo para corromper o sentido das coisas e se perguntar: “como tornar vão o sentido das coisas para ocupar esse vão com qualquer sentido?” 4. Versão atualizada da antiga brincadeira do “telefone sem fio”, que consiste em fazer a mensagem transmitida chegar ao seu alvo o mais deturpada possível.

3

APÊNDICE

Ilustrações

Fake-news não é um fenômeno novo. Na verdade, até o novo de news é fake. Como testemunho do fake do novo, trouxemos como capa uma ilustração do Puck, a primeira revista de humor nos Estados Unidos, célebre por suas charges coloridas, caricaturas e sátira política dos acontecimentos da época. Puck foi fundada em 1876, sendo editada primeiro em alemão, por Joseph Keppler, cartunista austríaco. A primeira edição em inglês foi em 1877, cobrindo políticas presidenciais e questões sociais. Desempenhou um papel decisivo para a implementação dos ideais constitucionais americanos. Como se pode ver no primeiro desenho, que é um dos detalhes do segundo desenho, intitulado “The fin de siècle Newspaper Proprietor”, “Fake News”, “Cheap Sensation” (sensação barata), “Humbug News” (notícias falsas) já tinham virado notícia naquela época.

agradecemos Brigita Gelžinytė pela ajuda com o projeto gráfico



© Marcia Sá Cavalcante Schuback, 2018

© Luisa Buarque, 2018

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term